

ARGUS de la PRESSE

Tél. : 742-49-46 - 742-98-91  
21, Bd Montmartre - PARIS 2<sup>e</sup>

N<sup>o</sup> de débit

DIÁRIO DE NOTÍCIAS  
Lisboa

- 4. DEZ. 1969

DIÁRIO POPULAR  
Lisboa

## CARTA DE PARIS

# Bienal pobre pobre Bienal

226  
*Sic transit, gloria mundi.* Assim passam as Bienais, assim passam as modas, vênua, São Paulo, Paris. Escalada é a palavra de ordem. Em Veneza os contestatários foram observados como uma curiosidade, como anomalia em vias de desaparecimento (Malo era já o passado). Pequenas escaramuças físicas e verbais serviram apenas de pasto aos jornalistas. São Paulo, segundo as crônicas e os cronistas foi já mais grave. A contestação colocou-se a um nível inatacável: o que tem por limites a recusa e a indiferença. Mas em Paris as coisas foram ainda mais longe. E da indiferença os contestatários içaram-se à ridicularização e ao desprezo. E em vez de uma triste Bienal é uma pobre Bienal que se desenrola actualmente na capital.

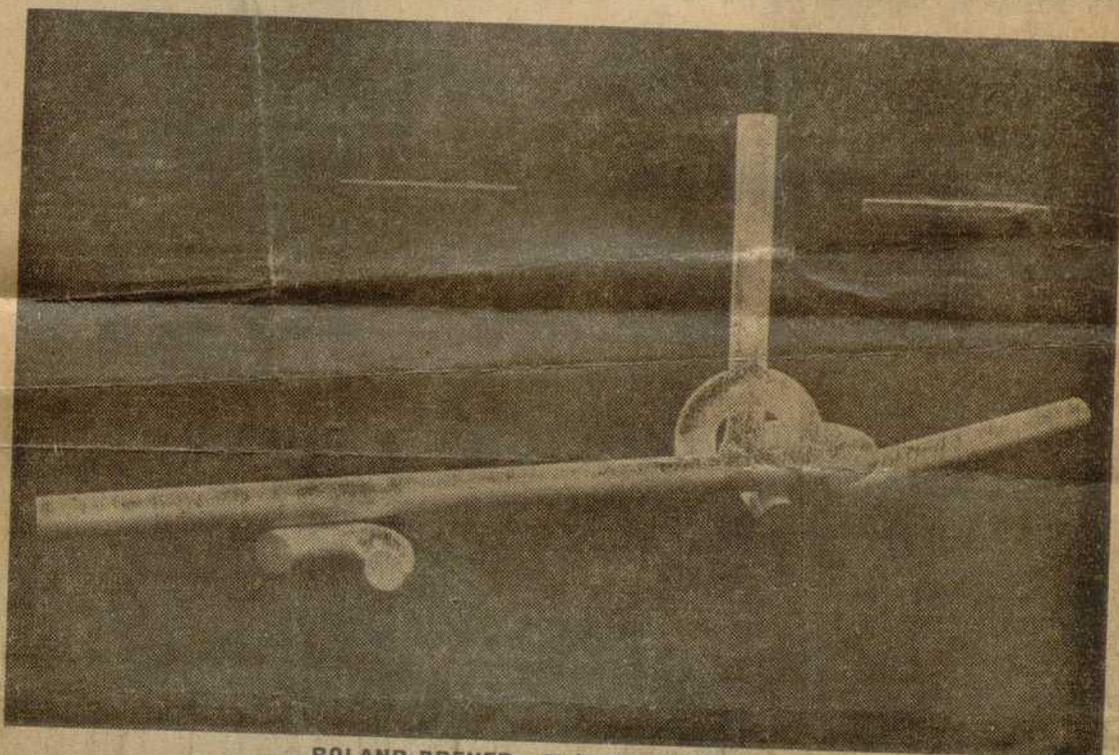
POR

EGÍDIO ÁLVARO

Caótica até ná dois anos, a Bienal deste ano queria-se esclarecedora. Para isso os países participantes foram convidados a enviar apenas um pintor, um escultor, um gravador e um fotógrafo. As obras seriam agrupadas segundo as afinidades e não segundo as nacionalidades. Consequência: a mostra é mais legível, mas a qualidade e a quantidade das verdadeiras criações decaíram sensivelmente. Primeiro erro evidente: para seleccionar, por exemplo, um pintor (o melhor? o mais válido? o mais representativo? o mais apto ao confronto internacional?) em Portugal, quais foram os critérios seguidos pelos Co-

e inverosímil como o encontro fortuito de um guarda-chuva e de uma máquina de costura sobre uma mesa de anatomia. Mas, enfim, o encontro foi tentado, sorriso na boca e gestos elegantes.

Segundo factor: emprestando as salas do Galliera a um grupo de artistas e de críticos mais ou menos contestatários, os responsáveis julgavam ter acalmado a sua boa consciência. Erro, ainda, e erro que abriu as portas ao ridículo. Contestando politicamente, um pequeno grupo colocou na fachada do Museu uma faixa em que se lia: «Le pouvoir soutient la Biennale, la Biennale soutient le pouvoir». Por outro lado Frank Popper organizara no interior uma sala de criação livre e colectiva que deu fiasco (algumas gracinhas pouco apreciadas pelos



ROLAND BRENER — Três elementos tubulares

Cá como algures, tombam os prestígios solidamente ancorados na tradição de uma crítica sábia. E tombam porque jamais souberam o que quer dizer *abertura é disponibilidade*. Tombam porque não souberam interpretar os sinais anunciadores da tempestade que eram, contudo, múltiplos e claros. Tombaram, também, porque deram ingenuamente o flanco às críticas.

Analisemos, por ordem, os factores da queda livre da VI Bienal de Paris.

missários? E quais os critérios que levaram a escolher estes comissários e não outros? Um único pintor? Uma corrente predominante? A obra impar de um «menos de trinta e cinco anos»? Mas estes casos são raros... Que representa, então, o pintor único enviado por cada país?

Aqui a Bienal toma um aspecto surrealizante, na medida em que, tentar decifrar as tendências da arte contemporânea dos jovens através das escolhas de cinquenta e dois comissários internacionais é tão problemático

co-expositores, tais como pintar à pistola quadros expostos ao lado, ou passar calmamente das folhas de papel destinadas à liberdade aos bancos e às paredes a ela não destinados. Resposta dos responsáveis: (mas quem? já que ninguém se acusa): arrancar a faixa e fechar o Museu.

Terceiro factor: Exterior à Bienal, mas previsível: o sentido de humor dos contestatários e a ironia-desprezo com que olharam a manifestação. Dois

(Continua na pág. seguinte)